

Cuidados de higiene e de saúde em uma comunidade monástica do século XVII: o caso do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra

Catarina Cunha Leal e Manuela Almeida Ferreira ¹

Abstract

The studies in daily life's material cultural should not forget the body care, as well in health as in illness.

This article deals with archaeological finds excavated in the Monastery of Santa Clara-a-Velha in Coimbra (Portugal). The nuns of this community, a branch of the Franciscan Order, left us buried artefacts that tell us about daily worries concerning hygiene and recovering from diseases determined by the scientific study on skeletons buried indoors. Written sources are concealed to explain the use of certain herbs, the composition of apothecaries and the contexts of use of several vases and tools.

We precede the approach of the finds by an overview about the main means of diagnostic and therapeutics in the 16th and 17th centuries.

Introdução

Esta temática prende-se com aspectos da mentalidade da época, no que respeita à higiene e à doença, em última análise a relacionar com a natureza mortal do homem.

Ao contrário do que possa pensar-se, a Medicina e a Farmácia Química não são racionais no século XVII. Desde logo, a Medicina faz fé nas virtudes curativas de certos objectos que não são mais do que amuletos.

Segundo Bluteau, amuleto é «termo de médico»². Acreditava-se, mormente, que o queixo do ouriço cacheiro curava as dores de dentes³, que o azeviche em bruto, entre outras coisas, acautelava problemas oculares (fig.1)⁴, que o cavalo-marinho prevenia a melancolia⁵ e que a própria carapaça da tartaruga favorecia a fertilidade e a longevidade (fig. 2)⁶.

¹ Fotografias de Miguel Munhós. Desenhos de João Ricardo Baptista, José Augusto Dias, Nuno Santos.

² Bluteau, 1712, Vol. I, p. 356.

³ *Idem, ibidem*.

⁴ Pela informação, expressamos a nossa gratidão ao nosso colega, da equipe de investigação de Santa Clara-a-Velha, Dr. Luís Miguel Bernardo.

⁵ Leite de Vasconcelos, 1985, Vol. IX, p. 296.

⁶ Mez-Mangold, 1971, p. 120.

«Aqui tem esta figa, que ao que vejo
Parese Tartaruga do Alentejo. O qual me deu dizendo, adocicado,
Tome meu bem que he para o mal de olhado.»⁷

Mais ainda do que este tipo de amuletos, aqueles que resultavam de manipulações alquímicas, sobre as quais a Igreja lançou repetidos anátemas e cujos autores podiam facilmente ser suspeitos de heresia, são hoje mal conhecidos porque tais manipulações se desenrolavam de forma secreta⁸.

Todavia, alguma experiência válida havia sido feita pelos árabes, que desenvolveram preparados farmacêuticos, para a época, de alto nível. A Europa herdou este património médico e farmacêutico.

1 – O corpo na doença

1.1. Generalidades sobre espaços e práticas curativas

À semelhança da maior parte dos conventos contemporâneos, existiam, muito provavelmente, no Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, uma enfermaria e uma espécie de armazém, ou depósito, especializado na venda de medicamentos, vulgarmente designado por botica. Naturalmente que os medicamentos aí existentes serviam também as necessidades do próprio Mosteiro e do Hospital a ele adjacente.

A escavação não permitiu localizar, até ao presente, nem o espaço ocupado pela botica, nem quaisquer estruturas desta ou do hospital. A ter existido, é natural que houvesse, a ela adjacente, uma cozinha da botica, espaço que existia, por exemplo, no Mosteiro de Santa Clara do Porto, no século XVIII, conforme documento datado de 1796⁹.

No entanto, o espólio móvel aponta para a existência de um grande número de vasos de tipologia variada, habitualmente referidos, na literatura arqueológica relativa aos séculos XVI a XVIII, como pertencentes a boticas.

Também se pode dar o caso de a botica ter sido uma dependência de pequenas dimensões e não um espaço especializado. Podia ter existido dentro da própria enfermaria do Mosteiro, cingida a alguns armários e nichos praticados na parede e onde uma simples mesa (fig. 3) poderia ter servido de mostrador. Este era a superfície de trabalho do boticário e dos seus eventuais ajudantes e não um balcão de atendimento, embora acabasse por funcionar também como tal.

A *Regra das Irmãs de Santa Clara* prevê, expressamente, a existência de uma enfermaria (Capítulos IX e XII) e sabe-se que Isabel de Aragão fundou um hospital, com vista a admitir, para tratamento, quinze homens e quinze mulheres.

Assistir os enfermos é uma das Obras de Misericórdia, conforme se pode ler num painel de azulejos do século XVIII, da Igreja da Misericórdia de Évora, que representa uma botica.

No século XVI, há uma viragem importante na preparação dos medicamentos, como consequência da publicação dos trabalhos de Paracelso (†1541). Desenvolvem-se técnicas que visam obter princípios activos puros, em oposição às misturas complexas dos preparados galénicos. Os remédios químicos incluíam sais metálicos, principalmente de antimónio e de mercúrio, e substâncias obtidas por destilação de drogas vegetais. Por isso, os medicamentos eram repulsivos ao paladar e, conseqüentemente, certas porções de açúcar entravam na composição dos mesmos. Por isso, também, o alambique é o símbolo por excelência da farmácia, até ao século XIX.

Os tratados de Medicina dos séculos XVII e XVIII são repositórios de extenso receituário, indicando os ingredientes e as quantidades das preparações. Um deles é da autoria de Garcia

⁷ Anónimo, s.d. [c. 1780-1794], p. 15.

⁸ Sternon, 1933, p. 100.

⁹ Fernandes, 1992, p. 32.

de Orta (*Colóquios das drogas e dos simples...*), de 1563; outro é a *Pharmacopea Lusitana* de D. Caetano de Santo António, publicado em Coimbra, em 1704.

A profissão de boticário aparece no fim da Idade Média, como resultado da diferenciação entre «especieiro» e comerciante de medicamentos, até então vendidos por aquele¹⁰.

Sabe-se que os mosteiros retiravam largos proventos da venda de medicamentos às populações das zonas onde existiam, bem como a viajantes de passagem ou mesmo a quem buscava a protecção da Igreja para fugir à Justiça, além de fornecerem outros mosteiros desprovidos de boticas e de hospitais. Em Coimbra, existiam, pelo menos, o Hospital da Misericórdia e o Hospital de São Lázaro. Também o Colégio da Companhia de Jesus, nesta cidade, tinha seguramente uma botica, pois tal sucedia mesmo em todos os colégios ultramarinos, designadamente nos que foram criados no Brasil¹¹.

O peso das boticas conventuais na preparação e na dispensa de medicamentos às populações assumiu tais proporções que, nos finais do século XVIII, os boticários laicos se insurgiram contra o privilégio de aquelas não estarem sujeitas a obrigações e encargos fiscais¹².

Em virtude da responsabilidade da sua fundação e, por isso, da sua ligação à Casa Real, o Mosteiro de Santa Clara de Coimbra tinha o privilégio de receber especiarias e açúcar¹³, o que pode ligar-se com a culinária, e designadamente com a doçaria, mas também com a preparação de fórmulas terapêuticas.

A atribuição de virtualidades curativas semelhantes a plantas muito diferentes significa impotência no ataque consequente aos males do corpo e do espírito, agindo necessariamente tanto o «físico», como o boticário, por tentativa e erro.

A deriva na enunciação do potencial medicinal de muitas plantas, da Antiguidade a tempos recentes, é patente nos herbários dos séculos XVI e XVII. A eles se reportam os autores do Estudo de Paleobotânica feito aos vestígios vegetais recolhidos na estação arqueológica de Santa Clara-a-Velha.

1.2. Paleobiologia, diagnóstico e terapêutica em Santa Clara-a-Velha

Entre as prestações de cuidados de saúde a um enfermo, no ocidente e desde, pelo menos, a Idade Média, contam-se o clister, a sangria e a purga, conforme se lê, no teatro, já no século XVI:

«Mestre Filipe – *Clysterium donare, Postea seignare, Ensuita purgare*»¹⁴.

No Capítulo XI da *Regra das Irmãs de Santa Clara* fala-se em «tirar sangue», determinando-se que tal acontecesse quatro vezes por ano. Talvez fossem as irmãs quem praticava este acto. No entanto, o médico ou o cirurgião podiam entrar no Mosteiro se se tratasse de doença grave ou urgência, como referido no Capítulo XVIII da mesma *Regra*.

Foi assinalado que, nas autobiografias de freiras no século XVII, abundam relatos das doenças frequentes de que iam padecendo e os pormenores, quer das enfermidades, quer das curas a que eram submetidas¹⁵.

Sucessivas páginas da *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal* (1666), no que às freiras de Santa Clara-a-Velha se refere, contêm referências eloquentes relativamente a quão as mortificações e os jejuns eram prejudiciais à saúde.

O estudo de patologia oral, realizado nos esqueletos exumados, revelou alta incidência de

¹⁰ Dias, 1994, p. 14.

¹¹ Calainho, www.scielo.br, p. 6-8.

¹² Neto, 1994, p. 9-10.

¹³ Cf. Programa Museológico – Guião do Filme sobre a Fundação do Projecto de Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

¹⁴ Rasteiro, 2000, p. 44.

¹⁵ Ferín, 2005, p. 35.

tártaro¹⁶, de cáries, de perda de dentes *ante mortem* e de infecções¹⁷. A inexistência de hábitos de higiene oral e a quase total ausência de cuidados terapêuticos eram, para além da dieta alimentar, os factores responsáveis por estas patologias. No entanto, uma férula dentária (fig. 4) encontrada *in situ*, revela que alguma medida tendente a evitar a perda de dentes já era ensaiada. Célia Lopes datou, de finais do século XIV, ou de inícios do século XV, o esqueleto em que existia esta ponte dentária em ouro¹⁸.

Várias doenças das articulações, designadamente afectando praticamente todas as partes do corpo, gota e provavelmente doenças respiratórias devido às condições ambientais locais, foram reveladas pelas análises paleobiológicas¹⁹.

Quanto ao diagnóstico, e invocando de novo o teatro pós-vicentino, transcrevemos uma passagem de *El-Rei Seleuco*.

«Os Physicos vem e vão, / Sem saberem minhas mágoas,
Nem o pulso me acharão; E se o querem ver nas aguas;
As dos olhos lho dirão. / Se com sangrias tambem
Procuram ver-me curado, / O temor de meu cuidado
O mais do sangue me tem / Nas vêas todo coalhado.»

Esta passagem contém, tão só, uma referência à principal forma de diagnóstico (observação da urina («aguas»)) do enfermo e, ainda, a um método terapêutico, a sangria.

O consumo frequente de argilas bezoárticas, mencionado por Carolina Michæelis, que era aconselhado pelas suas propriedades tónicas adstringentes e antitóxicas, chegou a dar origem à bucarofagia²⁰.

Outro recurso terapêutico desta época era a água febrífuga, preparada a partir da quina brasileira que, em Portugal, no século XVIII, ficaria materialmente documentada por selos de garrafas em vidro, com as inscrições «Jacob de Castro Sarmiento» e «André de Castro Sarmiento», sob o nome de água de Inglaterra.

Os mártires São Cosme e São Damião, cujo culto foi difundido na Europa pela *Légende dorée*, de Jacques de Voragine (século XIII), são os patronos dos médicos, dos cirurgiões e dos farmacêuticos²¹.

São Cosme é, justamente, representado com um vaso (urinol) na mão. Este santo aparece comumente a par com o seu irmão gémeo, São Damião; o urinol e pequenos recipientes de medicamentos²² são indiferenciadamente representados em associação com um e com o outro.

As imagens de vulto da fig. 5, que se encontram actualmente no Museu Nacional de Machado de Castro, pertenceram ao complexo monástico de Santa Clara de Coimbra. A inscrição, na base da imagem de São Cosme, é inequívoca; os atributos, todavia, aparecem mais frequentemente associados ao seu irmão gémeo, São Damião²³.

1.3. O equipamento padrão de uma botica

Várias instituições laicas e religiosas, para além de residências da alta aristocracia²⁴, tiveram

¹⁶ Lopes, 2001, p. 94.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 76-77.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 97.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 102-138.

²⁰ Vasconcellos, 1988 (1ª ed. 1905), p. 60 - 61.

²¹ Duchet-Suchaux e Pastoureau, 1994, p. 97-98.

²² Basso, 1999, p. 7-11.

²³ Dias, 1994, p. 11, fig. 13, S. Cosme, S. Tomé e S. Damião, Francisco Henriques, 1º terço do século XVI, Museu Nacional de Arte Antiga.

²⁴ Da escavação do Palácio dos Marquês de Marialva, na hoje designada Praça Luís de Camões, em Lisboa, resultou espólio vítreo imputável a cuidados de saúde. (material inédito)

pois as suas próprias boticas. As clarissas não fugiram à regra²⁵.

Bem perto de Coimbra, ficou célebre a pomada preparada no Convento de Clarissas do Louriçal²⁶.

Além dos emblemáticos alambiques, preconizavam-se boticas bem apetrechadas, por exemplo, com

«20 tomos de medicina, (...) recipientes diversos, estantes com mais de 400 remédios, fornalhas, (...) almofarizes de mármore, ferro e marfim, frascos e potes várias cores e tamanhos, balanças, pesos, medidas, tachos de cobre, de barro, bacias, prensas, tenazes,..».

Era este, pelo menos, o caso da botica do Colégio dos Jesuítas do Pará, segundo inventário datado de 1760²⁷. O mesmo devia suceder com o Colégio Jesuíta de Coimbra, com o Hospital de Góis, com o Hospital Real de Todos-os-Santos em Lisboa, e muitos outros.

Admitindo que o equipamento das boticas não se alterou significativamente no século XVIII em relação ao que era no século XVII, passamos a referir aqueles recipientes e utensílios que constam de um inventário de 1771, da botica do Convento de Mafra, com exceção dos que são típicos do século XVIII.

«Botica particular deste Convento

Tem a botica os vasos e vidros seguintes:

(...)

51 vidros pequeninos

40 açucareiros de vidro

vasos de barro vidrados

58 ditos grandes

50 ditos menores

32 ditos

43 panelas

Tachos, alambiques

2 alambiques de cobre, um maior que outro

5 graes de pedra, e uns maiores que outros

2 almofarizes de bronze

2 balanças de arame

1 marco de bronze de arrâtel

1 quartilho de latão

1 dito de folha de Flandres

1 meio quartilho de latão

1 onça de latão

4 espátulas de latão

3 espátulas de ferro

2 escumadeiras de arame

1 funil de latão

2 ditos de folha de Flandres

5 alguidares e uns maiores que outros

3 candeieiros de latão ordinários

1 fogareiro de cobre

1 trempe de ferro

1 peneira pequena

1 pedra de preparar

²⁵ Basso e Neto, 1994, p. 9.

²⁶ Ferreira, 2001, p. 92.

²⁷ Calainho, www.scielo.br, p. 5.

1 regador de arame
 2 potes para água
 Várias panelas de barro grandes e pequenas
 1 mostrador
 2 mesas grandes
 2 ditas ordinárias
 3 registos de papel (imagens de santos gravadas)
 2 cruces de pau
 3 tabuleiros de pau
 4 cortinas de pau
 (...)
 6 coadores»²⁸

À luz desta listagem, fizemos, do conteúdo da gravura da Estampa I, a leitura que na mesma inscrevemos. À luz da mesma Estampa abordamos o espólio característico das boticas descoberto no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, na perspectiva de dar a conhecer elementos da dimensão assistencial da comunidade clarista, contextualizados no conjunto dos estudos deste domínio a que tivemos acesso.

Abordaremos, sucessivamente, as panóplias da preparação e da conservação de medicamentos, bem como da sua disponibilização ao público que compõem o mesmo espólio.

a) Preparar medicamentos

Uma das mais correntes pomadas utilizadas na época era o Unguento Populeão, cuja surpreendente fórmula é a seguinte:

«Olhos de choupo negro, recentes e contusos lib^{ra}
 Enxudia de porco sem fel libras V
 Folhas de dormideiras negras (papoilas)
 De mandragara
 De meymendo
 De herva mora (Solano)
 De Conchelos (sombreira das telhados, orelhas de Monje)
 De Sayão (Saião maior, sempre-viva)
 De Bardamamayor (erva dos tinhosos, lapa)
 De Alface
 De Violetas
 Cachos do telhado
 Cymas tenras de Sylvas anã
 Faça-se unguento S. A.»²⁹

Os componentes essenciais aparecem nesta receita quantificados; os demais deviam variar conforme o preparador e a região, o mesmo se aplicando à Teriaga (*Thaeriac*) (fig. 18 e 6).

Este remédio, universal por excelência nos séculos XVII e XVIII, e até meio do século XIX, era composto por um grande número de elementos de origem vegetal (plantas, flores e raízes diversas às quais se juntava um pouco de ópio), mineral (sais minerais) e algumas vezes animal (carne de serpente). Era usado como cura para todos os males, acreditando-se, inclusivé, que possuía virtudes anti-venenosas³⁰.

²⁸ Carvalho, 1992, p. 33-34.

²⁹ Exposição de Faianças..., 1972, p. 50.

³⁰ Curtil, 1971, p. 17.

Veja-se a referência à teriaga numa estrofe de um, pelo próprio autor intitulado «romance», da pena do franciscano Frei António das Chagas († 1682).

«De hũa certa erva amigo
me pedis hoje a receita
e já nisto hides mostrar
que sois amigo da erva.

E «erva» é a teriaga que o amigo demanda com finalidades algo censuráveis por parte de Frei António. Termina, pois, o «romance» jogando com dois dos componentes da *Thaeriac*:

Tende pois cabeça amigo
porque se as bitoras mesmas
tem pessoa nas entranhas
triaga tem na cabeça.»³¹

Sobreviveram os pratos de uma pequena balança destinada, possivelmente, à pesagem dos componentes tóxicos dos medicamentos que seriam preparados no espaço onde funcionaria uma eventual botica do Mosteiro (fig.7).

O *Regimento dos Boticários* de Lisboa, do ano de 1497, previa já a obrigação de estes conservarem escrupulosamente os remédios e as drogas medicinais e definia os pesos e medidas que deviam possuir³². Na gravura francesa da Estampa I, podem observar-se várias balanças.

A preparação dos medicamentos requeria, ainda, um conjunto de vasos e utensílios entre os quais, por estarem representados no espólio de Santa Clara, referimos espátulas (fig. 8a e 8b), almofarizes (fig. 9a e 9b), cadinhos (*godets*) (fig. 10a e 10b), copos de mistura ou de medida (fig. 11), jarros de medida (fig. 12), coadores (fig. 13a - c), painéis (fig. 14a e 14b), fogareiros (fig. 15).

Quando, no plano dos materiais arqueológicos, se verifica ser difícil encontrar paralelos para todo este instrumental, subsiste o válido recurso às fontes iconográficas e aos vasos e utensílios que, *mutatis mutandis*, conservaram o mesmo *facies* até ao presente, como é o caso dos copos de mistura.

Foi encontrado, durante as escavações de Santa Clara-a-Velha, um número apreciável de cadinhos, ou *godets*, em faiança de vidro branco de inferior qualidade, que Bazzana denomina por *coupelles* e dos quais diz terem servido para preparar cosméticos, para apresentar uma iguaria (*présentoir*) ou, ainda, terem sido usadas como palmatórias, ligando-as, conseqüentemente, à iluminação³³.

Escavações urbanas, levadas a cabo em Sintra, permitiram recolher, também, exemplares formalmente iguais desta variedade de artefacto cerâmico (espólio inédito).

No que respeita ao fragmento de coador da fig.13a, trata-se do colo de um recipiente para líquidos do tipo de um jarro com vidro de chumbo amarelo. Os paralelos encontrados datam de época bastante recuada em relação à cronologia putativa do espólio cerâmico de Santa Clara-a-Velha e de uma região não europeia. (fig. 13b e 13c) Todavia, a área geo-cultural é a mesma e vimos confirmada, por especialista, a classificação funcional que avançamos³⁴.

Nas «cozinhas das boticas» havia que fazer lume. Haveria que cozer e manter quentes as preparações medicinais. Em tais espaços, havia que poder dispor-se de alguma louça de cozinha, designadamente painéis (fig. 14a).

Quanto ao fogareiro da fig. 15, é muito natural que, à semelhança das lâmpadas de

³¹ In Amaral, 1973, p. 333-335.

³² Basso, 1999, p. 8.

³³ Trindade e Diogo, 1998, p. 351 e fig. 4 / 3-4.

³⁴ Agradecemos à Prof. Doutora Helena Catarino ter confirmado a nossa suposição.

álcool que povoaram, até há ainda menos de um século, os nossos gabinetes de enfermagem e laboratórios, os vários fogareiros de diminutas dimensões que foram encontrados se destinassem a manter, em suave cozedura, receitas medicinais personalizadas prescritas.

b) Conservar medicamentos

Pastor e fundador da moderna botânica, o humanista de Berna Otto Brunfels (1488-1534) aconselhava, em 1532:

«As flores e as ervas aromáticas, devem ser conservadas em gavetas de madeira de tília, para conservarem o seu perfume e a sua frescura. Os grãos serão envolvidos em papel para evitar que se tornem bolorentos. Para os frutos, gomas e xaropes, convém empregar-se os recipientes de prata, estanho, vidro e em parte de terracota. Os medicamentos para os olhos serão conservados de preferência em vasos de bronze. O estanho é o material de eleição para os unguentos e pomadas.»³⁵

As espécies terapêuticas vegetais inócuas eram guardadas em caixas de madeira torneada, de tília ou de buxo, e nas gavetas das armações das boticas.

Já as drogas pulverizadas, para manipulação posterior, eram colocadas numa sala diferente daquela em que se despachavam as receitas, para que o público a elas não tivesse acesso.

Ao chegar-se ao século XVII, estava já bem estabelecido o uso de vasos de vidro e de faiança como recipientes para conservar e transportar drogas medicinais e preparações terapêuticas: garrafas para as águas destiladas e os óleos; xaropeiras para os melitos e os xaropes; *albarelli* para os unguentos e os electuários.³⁶

Albarelo, termo italiano de origem persa («El Barani»), significava vaso de especiarias. Podiam ser em cerâmica comum vidrada e em faiança. Alguns destes potes de botica, de majólica italiana, saídos da mão de um nome tão prestigiado como o de Girolamo della Robia, ostentavam armas de grandes famílias e retratos de personagens reais e senhoriais. No entanto, no século XVII, mais frequentes são as cartelas em que se indicavam, mediante inscrições em latim, os conteúdos (fig. 16).

A forma da parede, dilatada abaixo do bordo, era intencional: destinava-se a segurar a corda que apertava o pergaminho que cobria o *albarelo*, quando este não tinha tampa de madeira.

Ainda não se apurou a existência de *albarelli* em faiança em Santa Clara. Em vidro, alguns existiram, encontrando-se um em fase de restauro (fig. 17b).

A fronteira entre *albarelo* de vidro enquanto medida³⁷ e *albarelo* / açucareiro³⁸ não parece bem definida. Portanto, os açucareiros de vidro referidos no inventário de Mafra deverão ter-se tratado de «Asucareiros», ou de «Potes ou Asucareiros»³⁹. A mesma forma, quando em cerâmica, parece corresponder àquilo que conhecemos por canudo de botica.

Alguns potes de faiança, com decoração de boninas, afiguram-se nos vasos para Teriaga, medicamento acima referido (fig.18). Eram os mais belos ornamentos das boticas, colocados ao centro dos mostradores.

Um número não negligenciável de colos de garrafas e de garrafas quebradas, em maior ou menor quantidade de fragmentos, algumas das quais foram reconstituídas, terão sido xaropeiras. As armas do convento ornamentam certas delas. (fig.19a) Não faltam, nos nossos museus, paralelos para este tipo de recipiente.

Alguns boiões em faiança, de qualidade inferior à das xaropeiras, mas ainda assim, por vezes, ornados a azul, poderão ter sido destinados a conservar comprimidos ou unguentos.

³⁵ Basso, 1999, p. 8.

³⁶ *Idem, ibidem*, 1999, p. 10.

³⁷ Dias, 1994, p. 49, fig. 56.

³⁸ Barros, 1969, Cat. II, est. XXXIII / 21 - «Potes ou Asucareiros».

³⁹ *Idem, ibidem*, Cat. I, est. IV e Cat. II, est. XXXIII / 21.

Parece verosímil considerar como recipientes para comprimidos, idênticos aos paralelos estrangeiros conhecidos de Jamestown⁴⁰ e de Antuérpia⁴¹, os exemplares de Santa Clara-a-Velha cujos bordos são ligeiramente esvasados (fig. 20a e b), enquanto que aqueles que apresentam bordos envasados (fig. 20) devem ter sido unguentários: o rebordo serviria de superfície apta a retirar da espátula o excesso de pomada.

Os unguentos, depois de preparados, eram conservados em pequenos potes e tacinhas, vidrados a verde e melado, ou em faiança (fig.21). Cobriam-se com tampas de madeira, ou pergaminho, ou tecido, amarrados com um cordel, em torno do bordo.

Certos óleos, águas destiladas, xaropes diversos e outras misturas, podem ter sido conservadas em garrafas de cerâmica comum do tipo das pouco numerosas garrafas de secção quadrangular ilustradas na fig. 22a.

Estas garrafas, dado que a superfície foi brunida, podiam ser aptas para esta finalidade, porque o tratamento das paredes, resultando no esmagamento das moléculas da pasta, reduzia a porosidade do recipiente.

A forma destas garrafas parece decalcada dos exemplares conhecidos em vidro, nos quais eram conservados, muitas vezes, medicamentos.

c) Despachar receitas

Os preparados da Farmácia Galénica podiam ser feitos em grandes quantidades; os da Farmácia Química não o podiam ser, uma vez que se deterioravam, pelo que os medicamentos eram misturas complexas feitas para cada enfermo de acordo com o prescrito em receita individual.

A cena, ilustrada por um gravador francês, que reproduzimos na Estampa I é, a este respeito, eloquente. Um preparador atarefa-se ao almofariz; o outro, à esquerda dele, verte uma preparação medicinal num pequeno frasco: o medicamento destina-se à mulher que se vê de frente para o mostrador. À esquerda dela, na imagem, outro cliente prepara-se para abandonar a botica, levando na mão um pequeno frasco com o medicamento que lhe fora prescrito. Este frasco é igual a dois outros que se vêem em cima do mostrador e àquele em que o preparador, à esquerda na imagem, verte a preparação constante da receita apresentada pela mulher.

O unguentário – para usar o termo que se aplica aos homólogos romanos – da fig. 23 é o único pequeno contentor de vidro de Santa Clara que pode ter servido este propósito.

Por isso, a multitude de frasquinhos, jarrinhas, tacinhas e garrafinhas em faiança, quase miniaturais, encontrados, deve corresponder, por assim dizer, às «embalagens» em que eram despachadas as receitas⁴² (fig. 24).

d) Cuidar de enfermos

A uroscopia era, como vimos, o método de diagnóstico mais usado. Ao seu serviço se encontrava o urinol (fig. 25).

A aplicação de ventosas, aquecidas ao vácuo, para fazer afluir o sangue ao local de infecções, com ou sem o recurso adicional a sanguessugas, foi um tratamento que se prolongou até ao século XX. São numerosas as ventosas, em vidro, recuperadas durante as escavações (fig. 26).

Embora a ideia de assepsia fosse desconhecida, compreendia-se que as feridas alastravam e proliferavam se não tratadas. É reconhecido o uso do vinagre nas enfermarias desde a Idade Média, segundo a arqueóloga valenciana Mercedes Mesquida (fig. 27).

Hoje remetidos para museus da Medicina e colecções privadas, os biberões para alimentar doentes, no leito, conheceram todo o esplendor das faianças industriais do século XVIII tardio, do

⁴⁰ *Jamestown rediscovery*, 2004, <http://www.apva.org/jr.htm> disponibilizada em 7.12.2004.

⁴¹ Ravoire, 2002, p. 357, fig. 18.

⁴² Neto, 1994, p. 10 e Gandra, 1994, p. 66.

século XIX e, em boa parte, do século XX. É o que pensamos ser o espécime da fig. 28.

O biberão de doente de Santa Clara-a-Velha, em cerâmica comum de paredes finas, engobado à maneira da *sigillata* romana, poderá igualmente ter sido trazido sobre si por alguém com dificuldades de se alimentar (por exemplo, devido a doença oro-dental), como vaso para ingestão única de líquidos, dado que apresenta duas argolas que permitiriam pendurá-lo à cintura ou ao pescoço.

2 – HIGIENE E CUIDADOS DIÁRIOS COM O CORPO

Foi encontrada, durante a escavação, uma meia dúzia de utensílios e vasos relacionados com a higiene e os cuidados diários com o corpo.

a) Pente

Uma tela italiana de finais do século XVI (fig. 29a) representa dois *signori* apreciando pentes numa loja da especialidade; na da fig. 29b, uma parteira aconselha a grávida a abandonar as vaidades, simbolizadas pelo pente, e assumir a sua condição de futura mãe⁴³.

À excepção do material em que é feito (osso), o pente duplo inglês do século XVII⁴⁴, que se apresenta (fig. 30a), é um paralelo exacto de um exemplar em madeira que foi exumado da ala norte do Claustro Maior de Santa Clara-a-Velha (fig. 30b).

Maior do que este, e em melhor estado de conservação, é um outro, em tartaruga, que mede doze centímetros de comprimento; é igualmente duplo, e apresenta todos os dentes.

O pente simples, com uma só fiada de dentes, hoje vulgar, é muito tardio. Terá aparecido no século XVIII. Até então, era comum o pente com duas fiadas de dentes, no qual uma é mais apertada e se destinava a remover os parasitas da cabeleira⁴⁵.

b) Lava – olhos

Oval, em porcelana de vidro pintada a imitar calcedónia, o lava-olhos subsistiu até quase aos nossos dias como pequeno vaso destinado, como o próprio nome indica, à higiene ocular (fig. 31). O lava-olhos é ainda raro no século XVII, e mais inusitado, ainda, em vidro⁴⁶.

Vista a bibliografia a que tivemos acesso, com respeito a este objecto, o exemplar de Santa Clara é precoce e raro. Os paralelos referenciados (em faiança, em porcelana e em prata) datam dos séculos XVIII e XIX⁴⁷. Assim, o lava-olhos de Coimbra assume um carácter excepcional, não somente pela cronologia como pela matéria, tendo provavelmente correspondido a uma moda nascente, utilizado por uma possuidora refinada.

c) «Limpa – ouvidos», «limpa - unhas», palito de dentes

Na falta de paralelos exactos para estes objectos, e de outras designações eventualmente mais adequadas, chamamos «limpa-ouvidos» a um pequeno instrumento em osso, em forma de colher, destinado a remover a cera dos ouvidos (fig. 32), e «limpa-unhas» e/ou palito de dentes, a dois outros, em prata dourada (fig. 33).

Mau grado o que acima ficou dito sobre a higiene oral das freiras de Santa Clara, deve lembrar-se que os cuidados com os dentes foram objecto de reflexão muito antes dos nossos tempos. A eles se referiram, por exemplo, Aristóteles e Plínio.

⁴³ Ariès e Duby, 1990, estampa entre p. 256 e 257; *idem, ibidem*, p. 248.

⁴⁴ Lucas e Regan, 2004, p. 185 e 191, fig. 18/44.

⁴⁵ Arminjon e Blondel, 1984, p. 332 e 333, n° 1637.

⁴⁶ Ferreira, 2004, p. 551, fig. 3/3f.

⁴⁷ Arminjon e Blondel, 1984, p. 290-291, n° 1449/50.

Aquele indicava, designadamente, que os dentes deviam limpar-se com uma toalha de linho. No século XV, alguém escreveria:

“Não paliteis os dentes com tua faca, mas tomai um palito, ou algo limpo, assim não ofendereis”.⁴⁸

Um paralelo aproximado que conhecemos, para estas peças, é um utensílio de higiene da primeira colónia inglesa na América do Norte (fig. 34). Conjuga um extremo pontiagudo com outro em forma de pequeníssima colher, unidos por um animal marinho, em cujo dorso existe uma argola permitia trazê-lo pendurado ao pescoço ou à cintura. A mesma argola se observa nos exemplares metálicos de Santa Clara.

O exemplar de osso encontra-se partido, pelo que desconhecemos se teria, igualmente, semelhante terminação.

d) Bacio ou servidor

A forma do bacio de Santa Clara-a-Velha (fig. 35) é a mesma do que foi descoberto na Casa dos Bicos, em Lisboa⁴⁹, e igualmente em faiança, embora não decorada. De facto, a qualidade do revestimento estanífero, de inferior qualidade, aproxima-se da qualidade do vidro da louça malagueira.

e) Bispote ou calhandro

Além do bacio, foram descobertas cerca de duas dezenas de vasos inteiros de despejo corporal; muitos fragmentos, quer de bordos, quer de outras partes destes vasos, indiciam um número, todavia, muito superior de bispotes ou calhandros. Na sua esmagadora maioria, são recipientes vidrados, tanto interna como externamente, respectivamente a amarelo melado e a verde (fig. 36a).

Os exemplares mais antigos, conservados em museus, datam do século XIX⁵⁰ (fig. 36b).

Contudo, conhecem-se, em Portugal, numerosos paralelos arqueológicos do século XVIII, designadamente, os provenientes dos níveis selados pelo terramoto do 1º de Novembro de 1755, das escavações do Gabinete do Teatro Romano de Lisboa.

CONCLUSÃO

Este estudo contém a informação que, sobre aspectos da vida quotidiana, no século XVII e acerca de uma comunidade clarista, é possível inferir a partir de achados arqueológicos.

A causa próxima do tratamento de materiais ligados à higiene e à saúde foi uma reflexão anterior, com finalidade diversa, sobre as atitudes perante a morte. Apesar de serem mulheres da Igreja e dos muitos santos exercícios e mortificações que praticavam, as clarissas de Santa Clara de Coimbra amavam a vida e todos os luxos que o seu elevado estatuto social lhes permitia gozar.

Excepcionais achados, símbolos deste *status*, são o lava-olhos e os instrumentos em prata associados à higiene dental, bem como aquele que visava a higiene auricular.

Mau grado tal *status* e a existência aproximada, pelo mobiliário móvel que rodeava as freiras, à de uma pequena corte, a doença não ficava fora da cerca. Os cuidados de saúde providenciados, *intra* muros, eram os mesmos que podiam ser dispensados, vistos os conhecimentos médicos e terapêuticos da época, ao resto da população. Por este motivo procurámos contextualizar os objectos estudados numa breve panorâmica da medicina e da farmácia da Idade Moderna.

⁴⁸ <http://www.oralb.com/br/higiene/ensino/07.htm>

⁴⁹ Silva e Guinote, 1998, p. 110-111.

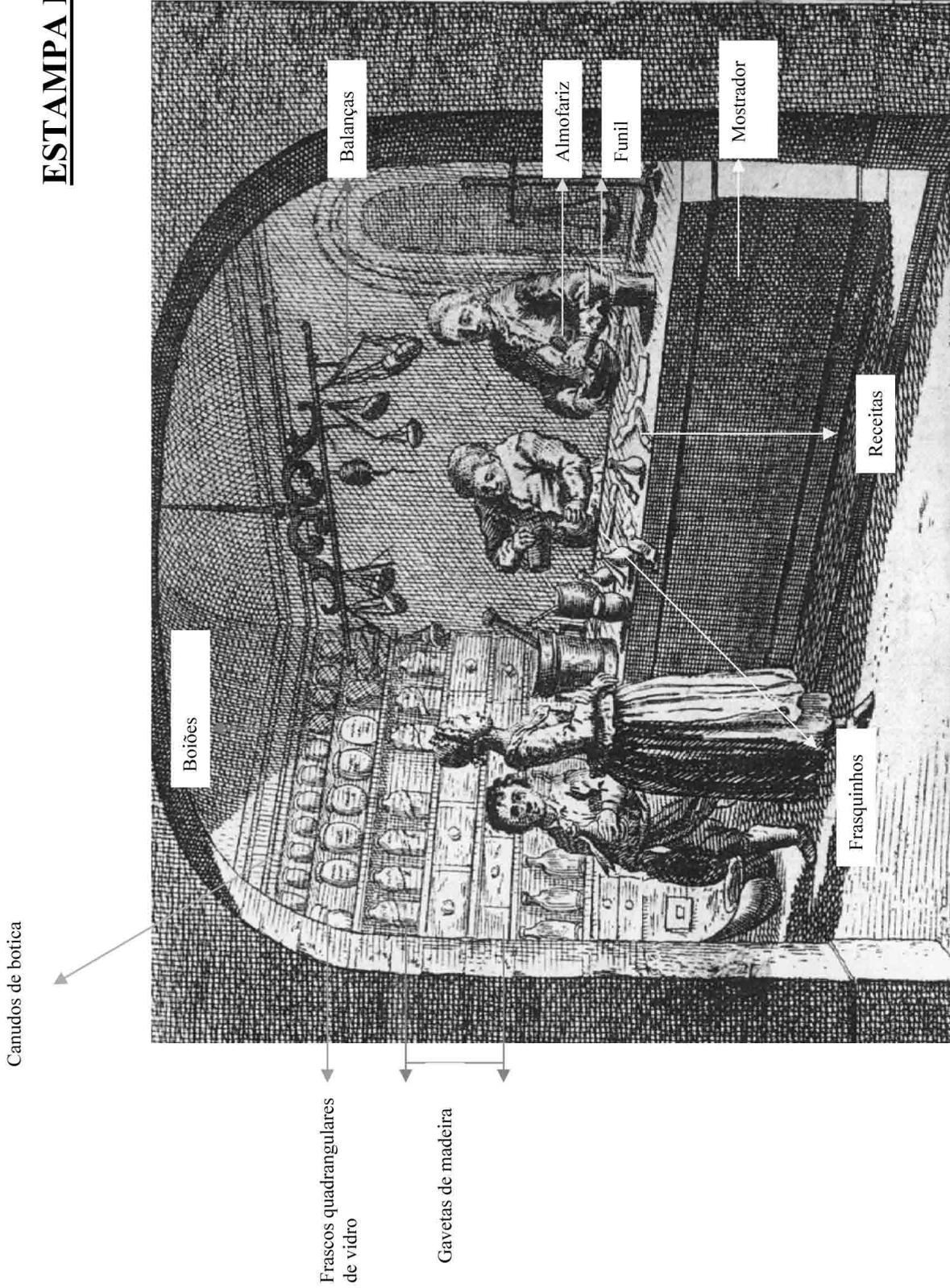
⁵⁰ Arminjon e Blondel 1984, p. 324, nº 1600.

BIBLIOGRAFIA

- Africa – Fouilles, monuments et collections archéologiques en Tunisie*, vol. XI - XII, Tunis, Ministère de la Culture, 1992 – 1993, Est. (?) 81, fig. 1 e 2.
- AMARAL, Odete de Freitas, *Poesia inédita de Frei António das Chagas existente na Biblioteca da Universidade de Coimbra, Vol. II – Os Romances*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1973 (Dissertação de Licenciatura, dactilografada).
- ANÓNIMO, *Novo Entremez Intitulado Os Amantes Arrufados*, Lisboa, Officina d'Antonio Gomes, s.d. [c. 1780-1794].
- ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (direcção), *História da Vida Privada.3 – Do Renascimento ao Século das Luzes*, Lisboa, Afrontamento, 1990.
- ARIS, Alejandro, *Art et Médecine*, Paris, Éditions Mengès, 2002.
- ARMINJON, Catherine e BLONDEL, Nicole, *Objets civils domestiques – Principes d'analyse scientifique*, Paris: C.N.R.S., 1984.
- BARROS, Carlos V. da Silva, *Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande - II Centenário – 1769-1969*, Lisboa, Edições Magno e Câmara Municipal da Marinha Grande, 1969.
- BASSO, Maria Paula, «Artefactos Farmacêuticos Europeus no Museu da Farmácia», *Medicamento, História e Sociedade. Nova Série*, Ano VIII, nº 13, Lisboa, 1999, p. 7-11.
- BASSO, Maria Paula e Neto, João Martins, *A Botica de São Vicente de Fora*, Associação Nacional das Farmácias, 1994, p. 47, fig. 51 e 52.
- BAZZANA, A. et al., *La céramique islamique du Musée Archéologique Provincial de Jaen (Espagne)*, Série Études et Documents, I, Madrid, Pub. de la Casa de Velásquez, 1985.
- BLUTEAU, Rafael, *Vocabulário Português e Latino... oferecido a elrey de Portugal D. João V*, 10 Vols., Coimbra, Officina do Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 -1728.
- CALAINHO, Daniela Buono, «Jesuítas e medicina no Brasil colonial», *Tempo*, Dez. 2005, vol.10, nº.19, 2005, p. 61-75 in www.scielo.br.
- CAMÕES, Luís de, *El-Rei Seleuco*, in *História e Antologia da Literatura Portuguesa, Século XVI, Teatro Quinhentista Pós-Vicentino*, nº 21, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 49.
- CARVALHO, Ayres de, *Obra Mafrense*, Mafra, Câmara Municipal de Mafra, 1992.
- CASTELLANO I TRESSERRA, Ana e BAQUÉS, Montse (il.), *Històries del Monestir – La Isabelona es fa monja*, s.l., Ajuntament de Barcelona, 2005.
- CURTIL, Henri, *Les pots de Pharmacie*, s.l., s.e., 1971.
- DIAS, J. P. Sousa, *A Farmácia em Portugal – Uma introdução à sua história 1338 – 1938*, Lisboa, Associação Nacional de Farmácias, 1994.
- DUCHET-SUCHAUX, Gaston e PASTOREAU, Michel, *La Bible et les Saints – Guide Iconographique*, Paris, Flammarion, 1994 (2ª ed.).
- ESPERANÇA, Frei Manuel da, *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal*, Vol. II, 2ª Parte, Livro VI, Lisboa, Oficina de Antero Craasbeck de Melo, 1666.
- Exposição de Faianças Portuguesas de Farmácia*, s.l. [Lisboa], Biblioteca Nacional de Lisboa, 1972.
- FERÍN, Madalena, «A voz de Antónia Margarida Castelo Branco (excerto)», *História e Antologia da Literatura Portuguesa – Século XVII - Literatura de Conventos – Autoria Feminina*, 32, 2005, p. 34-36.
- FERNANDES, Maria Eugénia Matos, *O Mosteiro de Santa Clara do Porto em meados do século XVIII (1730-80)*, Porto, Arquivo Histórico - Câmara Municipal do Porto, 1992.
- FERREIRA, Fernanda (lr. O.S.C.), *Convento do Lourçal – Da profecia à actualidade*, s.l. [Pombal?], edição da autora, 2001.

- FERREIRA, Manuela Almeida, «Espólio vítreo proveniente da estação arqueológica do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: resultados preliminares», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 7, nº 2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 2004, p. 541-583.
- GANDRA, Manuel J., *A Filosofia Hermética em Portugal e no acervo da Biblioteca Nacional de Mafra*, Boletim Cultural '93, Mafra, Câmara Municipal de Mafra, 1994, p. 11-74.
- GELICHI, Sauro e LIBRENTI, Mauro, *Senza Immensa Dote – Le Clarisse a Finale Emilia tra archeologia e storia*, Florença, Edizioni All'Insegna del Giglio, 1998.
- Jamestown rediscovery*, The Association for the Preservation of Virgin Antiquities c. 1625-1630 in <http://www.apva.org/jr.htm> 7.12.2004.
- LOPES, Célia, *As Clarissas de Coimbra dos séculos XIV a XVII: Paleobiologia de uma Comunidade Religiosa de Santa Clara-a-Velha*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2001 (Dissertação de Mestrado em Evolução Humana – fotocopiada).
- LUCAS, Gavin e REGAN, Roderick, «Excavations at Temple End, High Wycombe», *Post-Medieval Archaeology*, 37, Part 2, Leeds, Maney Publishing, 2004, p. 165 - 206.
- MEZ-MANGOLD, Lydia, *De l'histoire du médicament*, Basileia, F. Hoffmann – La Roche & Cie, S.A, 1971.
- NETO, João, «A Botica do Real Mosteiro de São Vicente de Fora», *Medicamento, História e Sociedade. Nova Série*, Ano III, nº 4, Lisboa, 1994, p. 9-11.
- QUEIROZ, Paula Fernanda; MATEUS, José Eduardo; PEREIRA, Telmo; MENDES, Patrícia, *Santa Clara-a-Velha – O quotidiano para além da ruína – primeiros resultados de investigação paleoecológica e arqueobotânica*, Lisboa, CIPA - Instituto Português de Arqueologia, 2006.
- RAVOIRE, Fabienne, «Distribution and consommation de la majolique d'origine française, italienne et des Pays-Bas en France à la Renaissance (du début du XVI^e siècle au début du XVII^e siècle)», *Majolica and Glass from Italy to Antwerp and Beyond – The transfer of technologie in the 16th begin 17th century* 2002, Antuérpia, Autores e Cidade de Antuérpia, 2002, p. 347-370.
- RASTEIRO, Alfredo, *Medicina Judaica Lusitana – Século XVI*, Coimbra, Quarteto Editora, 2000.
- SILVA, Rodrigo B. da e GUINOTE, Paulo, *O quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos – Roteiro arqueológico e documental dos espaços e objectos*, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.
- STERNON, F., *Quelques aspects de l'art pharmaceutique et du médicament a travers les âges*, Paris, Masson, 1933.
- TRINDADE, Laura e DIOGO, A. M. Dias «Cerâmicas da Época do Terramoto de 1755 provenientes de Lisboa», *Actas das 2as Jornadas Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, 1998, p. 349-353.
- VASCONCELOS, José Leite de, *Etnografia Portuguesa*, Vol. IX, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985.
- VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de, *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal*, Lisboa, José Antunes Ribeiro, Editor, 1988 (1^a ed. 1905).

ESTAMPA I



Farmácia francesa do século XVIII - Catálogo da Exposição Figuras, factos e coisas da Farmácia através dos tempos

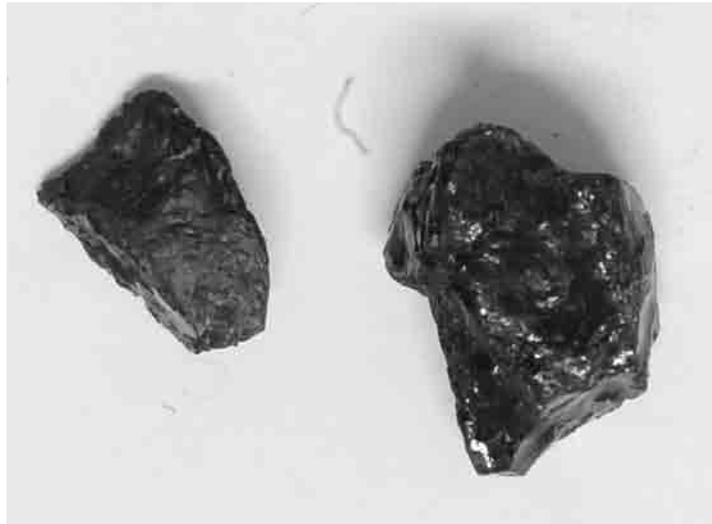


Fig. 1 – Azeviche em bruto.
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

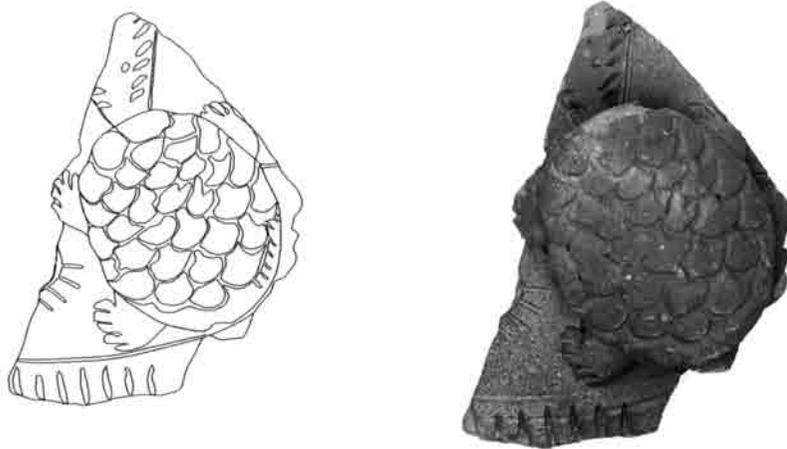


Fig. 2 – Fragmento de parede ornado com tartaruga.
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 3 – Botica do Mosteiro de Pedralbes. Barcelona.

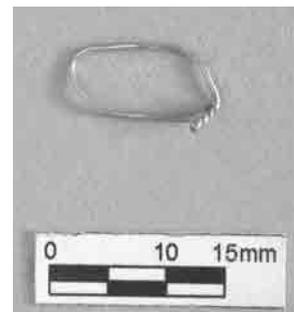


Fig. 4 – Fêrula dentária.
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 5 - Escultura de São Cosme e São Damião.
Século XIV (?) Museu Nacional Machado de Castro.



Fig. 6 - Pote de botica. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 7 – Pratos de balança. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 8a – Espátulas. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 8b – Fernando del Rincón. *Milagre dos Santos S. Cosme e S. Damião*. Séc. XV – Museu do Prado.



Fig. 9a – Almofoariz em mármore. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

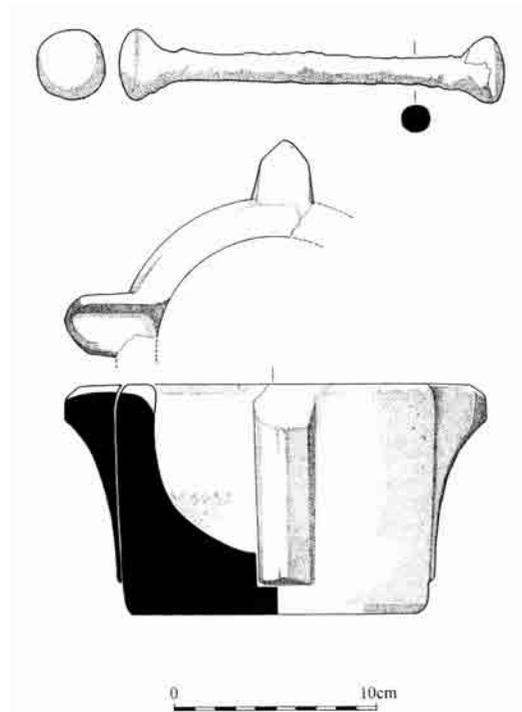


Fig. 9b – Almofoariz em mármore. Século XVII. Londres.



Fig. 10a – Cadinhos. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

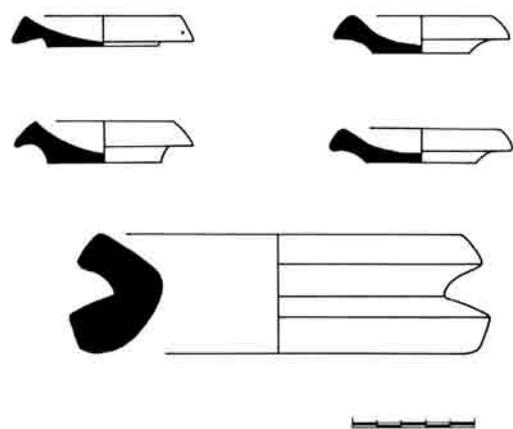


Fig. 10b – Cadinhos. Jaen, Sul de Espanha.



Fig. 11 – Copos de mistura ou de medida. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 12 – Jarro de medida em faiança de «rendas». Bico ornado com as armas do Convento. Século XVII. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

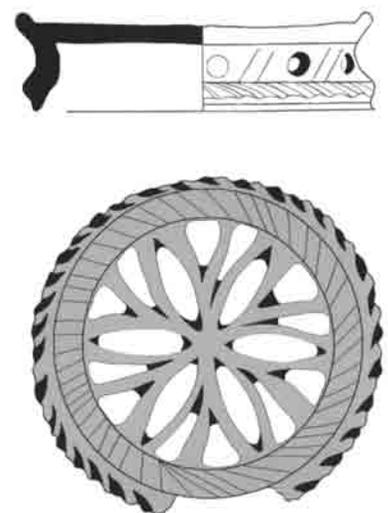


Fig. 13a – Coador de recipiente para líquidos. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

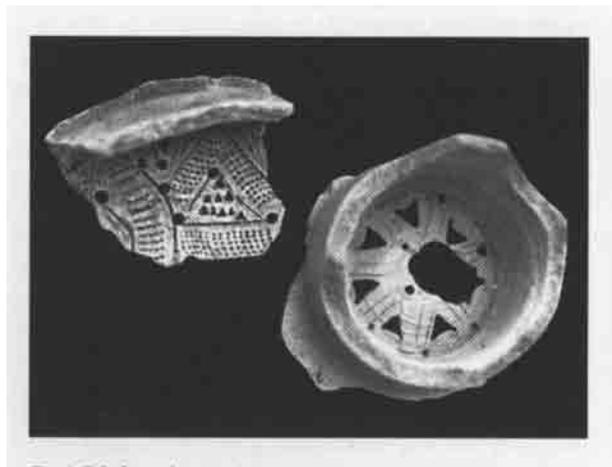


Fig. 13 b – Coadores. Séculos IX – XI. Sousse, Tunísia.

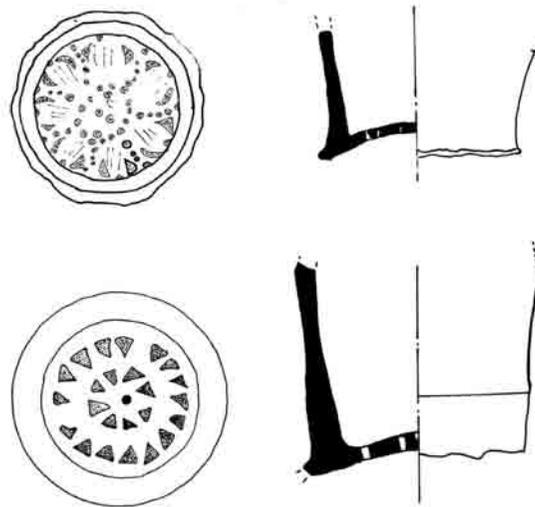
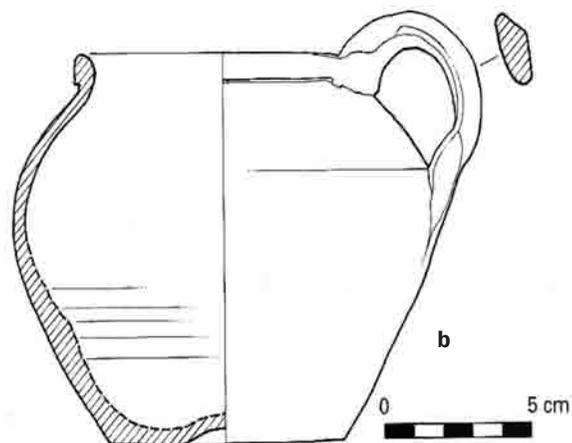


Fig. 13c – Coadores. Idade Média (?) Tunísia.



a



b

Fig. 14 – Panelas em cerâmica comum. a - Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. b - Casa dos Bicos. Finais do século XVI.



Fig. 15 – Fogareirinho. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 16 – Albarello. Século XVII. Museu Grão Vasco, Viseu.

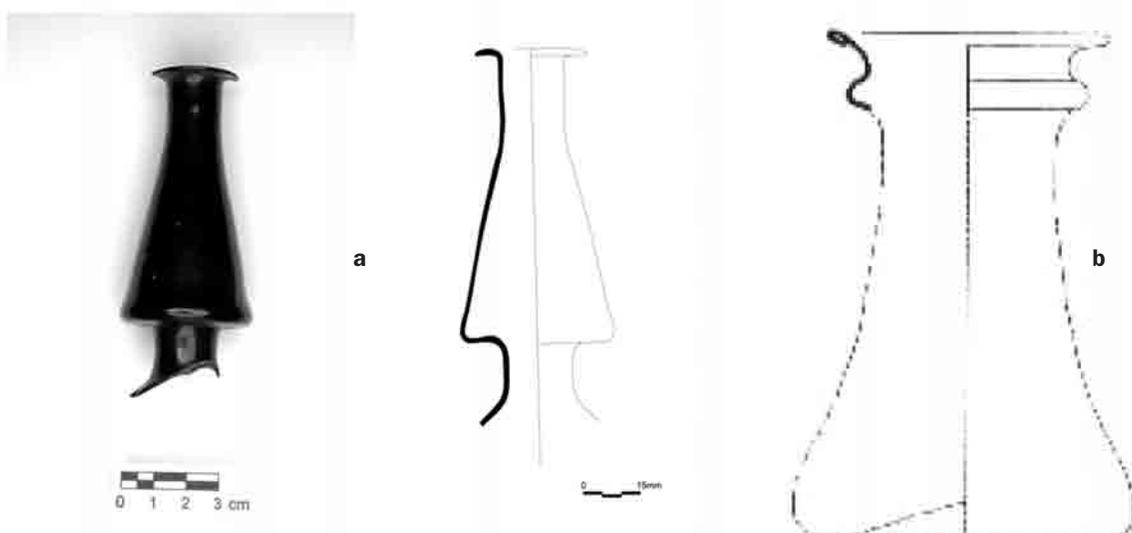


Fig. 17 – Recipientes para líquidos de botica. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Século XVII. a – Garrafa em vidro. b – Albarello em vidro.

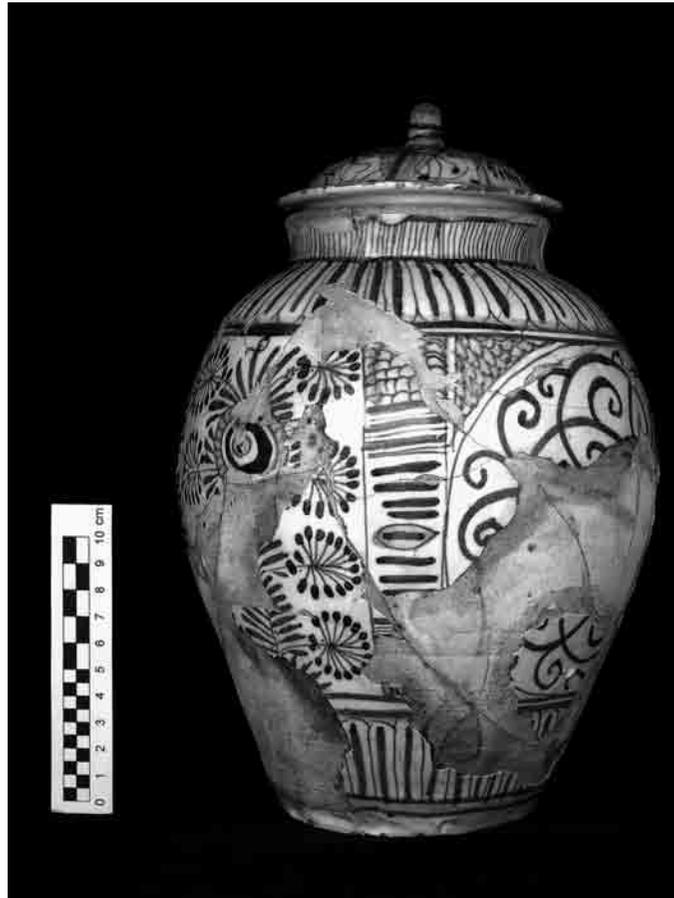


Fig. 18 – Pote em faiança. Decoração de boninas. Século XVII. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 19a – Garrafa com as armas do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Século XVII.



Fig. 19b – Garrafa. Século XVII. Museu Grão Vasco, Viseu.



Fig. 20 – Boiões para unguentos. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 20a – Boião para comprimidos. Faiança de Delft. C. 1625-30. Jamestown, Virgínia. E.U.A.



Fig. 20b – Boiões para comprimidos. Século XVII. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 21 – Potinho e tacinha para pomadas. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

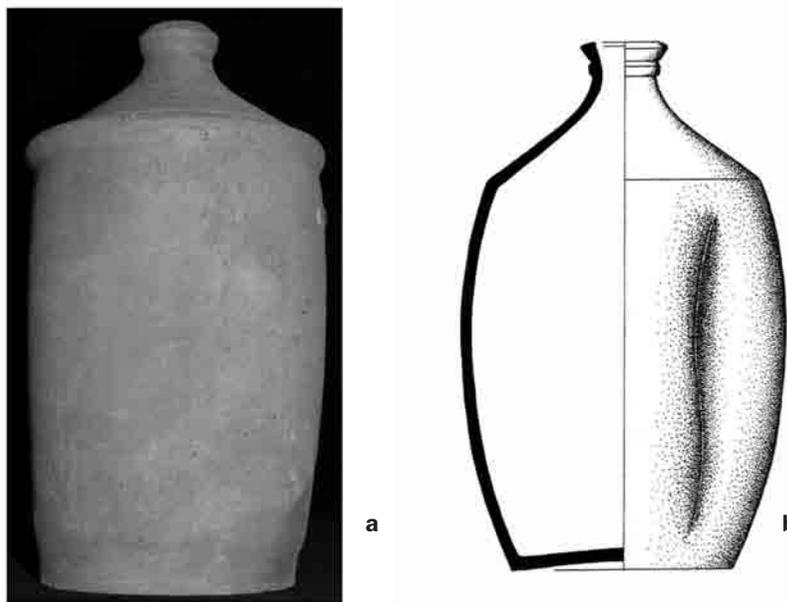


Fig. 22 – Garrafas em cerâmica comum do século XVII.
a – Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. b – Rua Pedro Dias, Tomar.

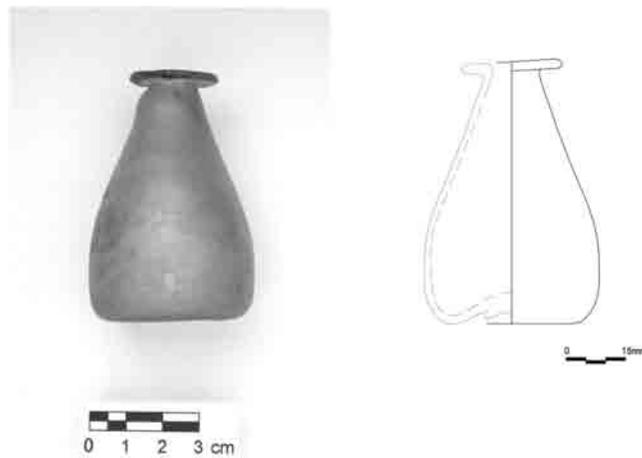


Fig. 23 – Frascinho em vidro. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 24 – Cerâmica para aviar receitas. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

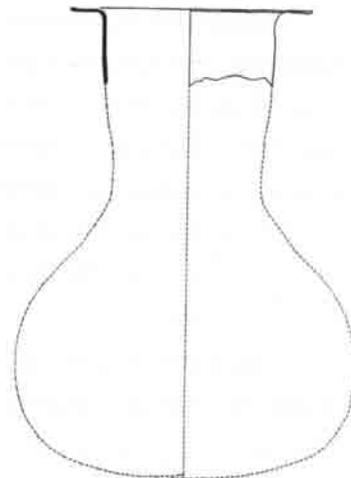
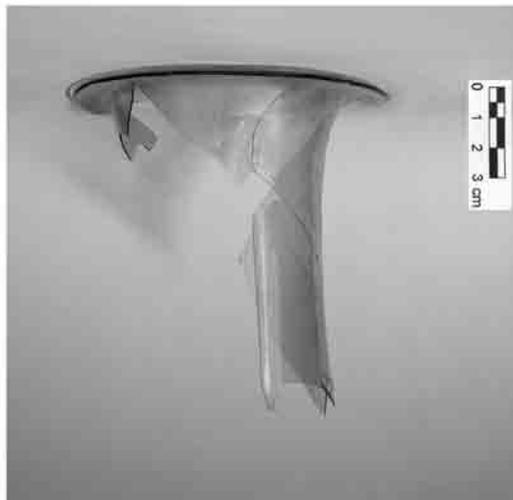


Fig. 25 – Urinol em vidro. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

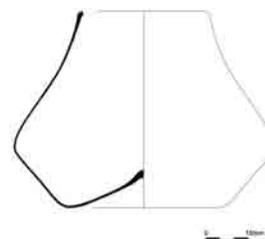


Fig. 26 – Ventosa em vidro. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 27 – Vinagreira. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

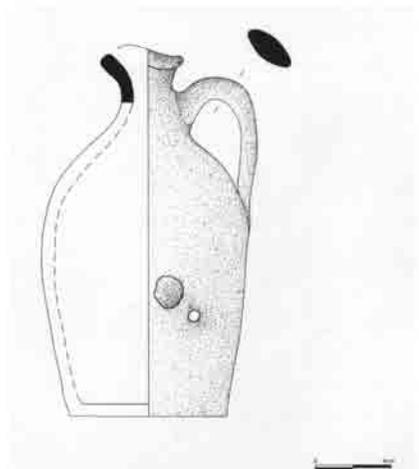


Fig. 28 – Biberão. Pseudo-sigillata de paredes finas. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

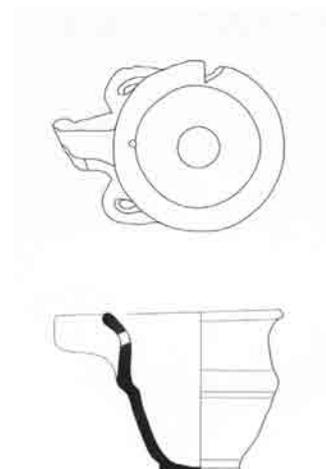


Fig. 29a – Mercador de objectos de marfim. Veneza, Museu Correr.



Fig. 29b – Insignia alemã de parteira. Castelo do Gué-Péan, Loir-et-Cher. Século XVI.

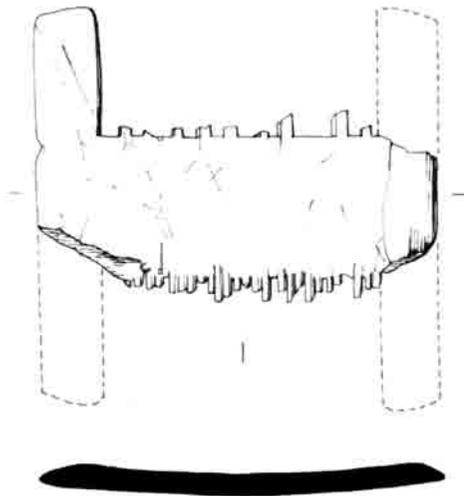


Fig. 30a – Pente duplo em marfim. Século XVII. Temple End, Londres.

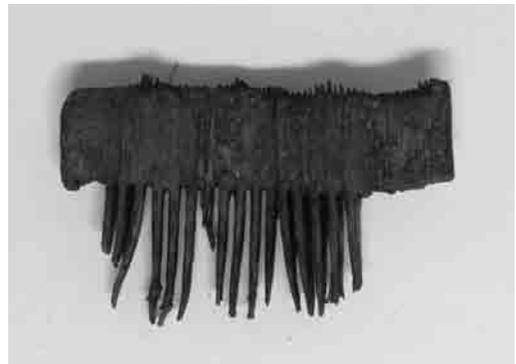


Fig. 30b – Pente duplo em madeira. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

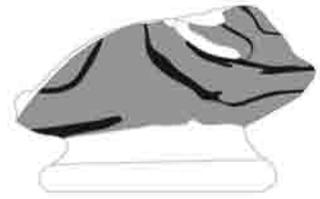
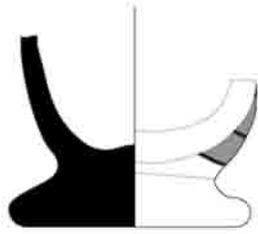
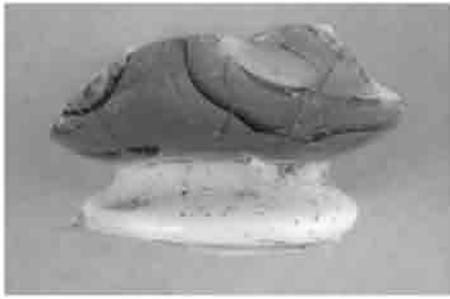


Fig. 31 – Lava-olhos. Vidro opaco branco. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 32 – “Limpa-ouvidos”. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 33 – “Limpa-unhas” e/ou palitos de dentes em prata dourada. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 34 – Ear picker em prata. Início do século XVII. Jamestown, Virgínia. E.U.A.



Fig. 35 – Bacio em faiança malagueira. Século XVII. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 36a – Bispotes ou calhandros. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Fig. 36b – Bispote ou calhandro. França. Século XIX.

